

Silviano Santiago. *Machado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. 418 p.

A forma sobrevivente, no sentido de Warburg, não sobrevive triunfalmente à morte de suas concorrentes. Ao contrário, ela sobrevive, em termos sintomais e fantasmais, *à sua própria morte*: desaparece num ponto da história, reaparece muito mais tarde, num momento em que talvez não fosse esperada, tendo sobrevivido, por conseguinte, no limbo ainda mal definido de uma “memória coletiva.”

Didi-Huberman- *A imagem sobrevivente*

Machado sobrevive. Ler *Machado*, de Silviano Santiago, num final de ano nem tão promissor, é como abrir janelas para o que há de mais erudito, fascinante e inigualável na literatura contemporânea brasileira. Desta vez o autor inscreve sua assinatura de forma definitiva, retomando métodos criativos anteriormente exercitados, como a fusão e o distanciamento entre narrador e personagem, mas irrompendo em ousadia e liberdade ficcional. No empenho de aglutinar vida e arte, doença e escrita, história e ficção, este romance/ensaio de 418 páginas inova e embaralha as letras brasileiras, confunde e inquieta o mais fiel leitor, ao exigir paciência e aguda fruição no decorrer de cada página. A originalidade na escolha do tema, Machado em luta com a doença nos últimos quatro anos de vida, não se circunscreve a uma tradicional biografia ficcional, mas se nutre do panorama histórico do princípio do século XX, com o requinte de associações entre personagens, acontecimentos e transformações urbanas no Rio de Janeiro da belle-époque.

O espírito comparativo e a sedução pelos jogos assimétricos e contrastivos da narrativa conferem à obra a audácia dos encontros insólitos, a coincidência de datas e o acaso como gerador de destinos literários. A figura de Machado, inventada pela metáfora da obra/vida, é dominante no romance, embora esteja revitalizada pela

presença do ambiente histórico, social e cultural do momento. Na recriação desse ambiente de início de século, personagens até então inexploradas pela narrativa literária e histórica, como Mário de Alencar, Carlos de Laet, Miguel Couto, Joaquim Nabuco, entre outras, compõem o cenário nem tão eufórico da época, em contraponto com versões até então padronizadas. A modernização da cidade, com a construção de avenidas e de prédios modernos, a marginalização dos antigos habitantes e a violência urbana, contracenando com a higienização dos espaços, são ironicamente contemporâneas do mal-estar de Machado e de sua vida que se esvai pela doença.

O procedimento narrativo do romance retoma a poética autoficcional do autor, na articulação do biográfico como contraparte do autobiográfico, revestindo-se da marca ficcional como razão de ser da transfiguração artística. Se o narrador torna-se atuante na escrita e convida ao diálogo com a personagem, os lugares enunciativos começam a se confundir, por serem ambos cúmplices e atores da comédia da escrita. O texto se abre com a imagem de Machado sendo esboçada pela compra, pelo narrador, do quinto livro de *Correspondência*, editado pela Academia Brasileira de Letras. O material de pesquisa se impõe, entre outros a serem inseridos ao longo do romance, como responsável pelo teor híbrido da narrativa, pautada por fatos comprovados pelos arquivos e por desdobramentos metafóricos a partir desses mesmos fatos. Na conjunção entre documento e ficção reside o valor original deste livro, no sentido de permitir ao leitor a fruição estética que cada um escolhe ser a mais adequada. A paternidade da criação não se restringe a dirigir a atenção para a exclusão de um aspecto a favor de outro, mas a alertar para a abertura que a literatura propicia quanto ao jogo entre polos que interagem e se completam. A dicção ensaística do romance justifica-se pela inserção da pesquisa como coadjuvante da criação artística e pelo lugar do narrador como leitor/autor dos textos e das lendas envolvendo as personagens.

A transfiguração autoral – a admiração por Machado e a resolução de escrever sobre ele – condensa as figuras do narrador e da personagem e obedece, a princípio, ao critério temporal, pelo fato de o dia e mês da morte do escritor – 29 de setembro – coincidir com o nascimento de Silviano. A transfiguração reforça a ideia de sobrevivência do escritor em outro, já que a coincidência das datas indica o destino literário registrado pelo nascimento. Compreende o gesto de viver, pela escrita, da morte do outro, que nada mais é do que o viver póstumo da literatura. Destino literário que se instala entre morte e vida, entre o teor virtual das duas instâncias, à medida que

no espaço literário fatos se transformam em metáforas. A narrativa se inscreve sob o signo da ficção, em que o narrador penetra e encarna o tomo V do livro de *Correspondência*:

Transfiguro-me. Sou o outro sendo eu. Sou o tomo V da correspondência de Machado de Assis: 1905-1908.

(...) Ao caminharem aleatoriamente pelo caminho trilhado pelo fantasma de Machado de Assis nos quatro últimos anos de vida, as fantasmagorias do narrador deste livro sobrepoem o dia e mês em que nasço em 1936, 29 de setembro, ao dia e mês em que morre o grande escritor em 2008, 29 de setembro. O narrador sobrepoem o personagem nascido numa distante cidade interiorana de Minas Gerais ao protagonista morto na capital federal do Brasil. Na aposta sobre o futuro da literatura no século XXI, a sobreposição desencontrada dos dois corpos e das duas vidas, o desembestado e atrevido encontro das duas sensibilidades é armado pelo jogo de dados do Acaso e sinaliza como dia natural para toda reencarnação de Machado de Assis o penúltimo do mês de setembro. (SANTIAGO, p. 49, 52)

É a partir da correspondência que o narrador recria a convivência de Machado com Mário de Alencar, filho de José de Alencar e seu protegido, estreitando laços de amizade entre o famoso escritor e outro de pouca importância para as letras brasileiras. Os bastidores da eleição para a Academia Brasileira de Letras do preferido de Machado, as intrigas e invejas reinantes na disputa compõem o quadro de animosidade entre os pares, da mesma forma que introduz o eixo dramático da obra, a relação íntima de amizade entre os dois escritores. Unidos pela doença – Mário se sente impelido pela mimetização do mal que aflige o escritor – e pela troca de favores e atenções, são aqui registrados os últimos anos de vida de Machado. Solidão e angústia são motivadas não só pela sua condição de viúvo, mas pelas limitações vitais devidas à epilepsia, o “pecado original”, a que ele se refere sob a forma de metáfora. Com este cenário, é possível detectar a presença assimétrica e conflitante da questão do duplo, na qual as diferenças superam as semelhanças, assim como os pares convivem segundo princípios contraditórios. A estreita relação entre eles revive situações de muitos dos artistas consagrados, os quais dependem da ajuda de pessoas que nem sempre correspondem à sua importância, como é o caso de Proust e a governanta, para citar apenas um exemplo.

A trama romanesca compõe-se de dez capítulos, durante os quais o narrador, sem economia e com riqueza de detalhes, articula vida e obra do protagonista, visita lugares e expõe imagens ao longo do texto, que vão de reproduções de charges jornalísticas, anúncios, verbetes de livros de medicina homeopática, brasões de famílias ilustres, fotos de palacetes e a decoração de interiores, detalhes arquitetônicos, gravuras do Rio antigo, fac-símiles de cartas e assim por diante. O recurso visual, longe de constituir mera ilustração, reforça o aspecto documental e artesanal da obra, a pesquisa

nos diversos arquivos da época, ao lado da necessidade de ultrapassar o factual livresco, jornalístico e histórico. Nada é gratuito e tudo é significativo, quando relido de forma a ressaltar a opção do narrador pelo valor simbólico e interpretativo das cenas. A escrita é o resultado do gesto de leitura, por meio da qual narrador e leitor se equivalem. As reproduções, uma vez inseridas nas páginas do romance, funcionam como texto ficcional e respondem pelo teor ambivalente da recepção do livro: a distinta fruição que cada leitor irá experimentar, seja ele crítico literário, historiador ou leitor comum.

A dificuldade em resumir o enredo da obra reside na multiplicidade de cenas, de associações entre personagens, do cruzamento ardiloso entre arte e vida, além das idas e vindas da escrita, das pausas, retomadas dos temas e cortes na trama. O narrador atribui à escrita de Machado ritmo convulsivo, em consonância às ausências e convulsões causadas pela doença, na defesa do resultado original atingido pelo autor na superação da falta orgânica. Da mesma forma o narrador assimila a dicção e o delírio criativo ao mimetismo corporal do texto, com o intuito de transfigurar a imagem simbiótica da vida e obra de Machado. Trata-se da transformação da doença em metáfora criadora, sem que haja a intenção de repetir os estereótipos da crítica tradicional, por meio dos quais se justificava a obra pela redução ao biografismo. Rompendo com a linearidade discursiva e o apego obsessivo ao realismo, a narrativa de *Machado* mimetiza o transe enviesado da confluência entre escrita e corpo: “Corte, abertura e digressão, se somados, são a forma mais autêntica e corajosa de Machado interromper, subverter e corroer a tradição oitocentista do romance realista que caminha na cadência do sentido linear e evolucionista da trama e da história social” (id. p.281). Por esta razão, o narrador entende ser a proposta artística machadiana “convulsiva por natureza”, em que a busca da perfeição se pauta pela conjunção entre a falha orgânica e a originalidade de sua arte. Remédio e veneno se equivalem, e a arte, ao ser alimentada pela falta, revigora-se como cura. No entender do narrador, ela seria “o mais eficaz de todos os remédios humanos. O melhor deles.” (id. p.269).

O Rio de Janeiro, cidade de papel aí desenhada, destaca-se como parte integrante do enredo, sem funcionar como mero pano de fundo. O velho e o novo integram a paisagem urbana, estampados na feição arquitetônica modernizante das avenidas, no embate político entre monarquia e república, a abolição da escravidão e na escrita/vida de Machado, convulsiva, revolucionária e testemunha das contradições dos tempos modernos. Revisita ainda, em camadas superpostas, a história das compras e

restaurações dos palacetes públicos e privados, como o do médico Miguel Couto, os palácios Monroe e do Catete, transformados pela troca de seus proprietários, em virtude da decadência financeira. O Rio civiliza-se e destrói velhos espaços, com o surgimento da mentalidade do novo rico que viria substituir os hábitos dos antigos fazendeiros de café. O ritmo convulsivo urbano, as idas de Machado ao médico Miguel Couto, as anotações do escritor durante as crises para efeito de diagnóstico, as cartas trocadas com Mário de Alencar, as receitas homeopáticas para aliviar as crises, tudo isso compõe o extenso e minucioso relato do romance. A ida às fontes da obra/vida de Machado se sobrepõe à diferente genealogia de uma cidade descrita por historiadores, por estabelecer analogias e defasagens entre a escrita literária e a feição arquitetônica vigente, com seu ideal de simetria, harmonia e ordem. Pela mediação da arte arquitetônica e decorativa, o narrador compara a assimetria da obra machadiana com a produção do decorador e artista plástico alemão Frederico Steckel, responsável tanto pelo conjunto arquitetônico da praça da Liberdade de Belo Horizonte, quanto pela restauração do palacete de Miguel Couto. Outra retórica, outra eloquência, envolvendo aí as relações sociais e políticas:

Norteadas pelo sentido absoluto do progresso técnico-científico, a estética da oratória e a da arte em fins do século XIX e princípios do século XX preservam o eixo de sustentação central de toda e qualquer obra como fundamento da correspondência justa entre as partes opostas, redundando no elogio indiscriminado da simetria reflexiva como modo de descrição das relações humanas no plano social e político. (Id. p.226)

Uma das importantes articulações do romance envolve a utilização da mediação como procedimento eficaz para a subversão das oposições e a construção do falar oblíquo do narrador. O primeiro argumento reside na poética enviesadas de Silviano, ao escrever sobre si e sobre a literatura por meio da imagem do outro, experimentações realizadas com Graciliano Ramos (*Em liberdade*), Artaud (*Viagem ao México*). Comportando-se como leitor e narrador, inscreve-se no texto como o autor que elege uma linhagem literária, impondo-se na qualidade de continuador e sobrevivente. Com Machado, idêntica obsessão. Uma história literária encenada pela escolha não só do sujeito individual, mas pela geração de escritores do século XX e XXI. Narrar os últimos anos do escritor não se circunscreve apenas ao presente, mas é motivado pelo recurso anacrônico do tempo, pela revisita à sua obra e pelo paralelo criado em torno de suas personagens.

O segundo argumento estabelece, na relação entre pares, a intromissão de um terceiro elemento que relativiza a operação e esclarece posições em conflito. A mediação exercida por outras personagens abre o jogo mimético exercido entre os duplos e desfaz simetrias entre eles. Entre Machado e Mário de Alencar, por exemplo, insere-se a figura de José de Alencar, pai biológico do amigo e escritor renomado, escolhido por Machado como seu patrono ao assumir a cadeira na Academia Brasileira de Letras. Seu papel mediador configura-se pelo estabelecimento da metáfora familiar de modo indireto. Por intermédio da carta endereçada a Machado por Alencar, em 1868, Mário – seu filho espiritual – irá solicitar-lhe o envio da cópia, a lápis, do pai biológico. A consolidação do triângulo literário se filia ao familiar, no qual se legitima a continuidade literária do filho pelo pai legítimo e o espiritual. Condensam-se, em palimpsesto, a escrita original e a cópia, a favor da continuidade das gerações literárias e da conquista, mesmo que tumultuada, da posse de Mário de Alencar na Academia: “A cópia a lápis garante a Mário que é ele próprio quem – de posse do rascunho de 1906 – que é a reprodução *ipsis litteris* da carta de 1868 – intervém de modo subversivo no ciclo evolutivo das gerações literárias” (id. p. 169).

É ainda por meio da imagem familiar retirada da Bíblia e apropriada por Machado do nome de um dos filhos de José, Manassés, pseudônimo do autor no conto “A chinela turca”, publicado inicialmente na revista editada por Nabuco, que o narrador articula a relação intelectual entre Machado e o político do Império. Por meio da escolha do pai pelo filho mais novo (Efraim) e não o mais velho (Manassés), contrariando as leis da progenitura, é que o pseudônimo atua como peça a ser montada no relacionamento intelectual entre os dois expoentes do pensamento brasileiro da época. Machado, o mais velho, o que “traz gravados no nome próprio todos os padecimentos sofridos pelo pai”, não é o escolhido, sendo substituído por Efraim, o fecundo (mais uma vez o nome próprio José atua como mediador). As diferenças entre eles são pontuadas pelo narrador, na intenção de ressaltar a união entre literatura e política, entre esterilidade e fecundidade, entre branco e negro. Na defesa da abolição da escravatura, Nabuco e Machado, em uníssono, se complementam e tornam-se companheiros fraternos: “No palco da literatura, os gestos sugestivos e silenciosos do mímico africano maquiado de branco, se transportados para o palanque da praça pública e da Câmara, se expressariam pela fala aberta e clara do político branco a defender a alforria dos escravos africanos. Os sinais mais evidentes da complementação dos gestos

de Machado pelas palavras de Nabuco, das vidas de Machado e de Nabuco pelo respectivo projeto literário e político, se localizam nos primeiros anos da década de 1880” (id. p. 390).

A polêmica Alencar/Nabuco, travada no jornal, seria outro meio indireto de aproximar Nabuco de Machado e refletir sobre os caminhos do pensamento literário e cultural brasileiro do final do século quanto à questão identitária. Entre o espírito cosmopolita e revolucionário do político, contracenava a defesa de uma literatura nacionalista em Alencar, aproximando-se, assim, Machado das ideias de Nabuco. Neste triângulo aí criado, a presença de José de Alencar funciona como contraponto à proposta de ambos, sem que essa posição desmereça a importância que o escritor cearense representa para Machado e a literatura brasileira.

A leitura de *Machado* não se esgota facilmente nestas poucas páginas aqui descritas. Aos múltiplos e atentos leitores, cabe a escolha do melhor caminho de entrada no espetacular delírio romanesco encenado em torno da obra/vida de Machado de Assis.

Eneida Maria de Souza

Universidade Federal de Minas Gerais